

# O bode e a míope bodemia

Clovis Guimarães Filho

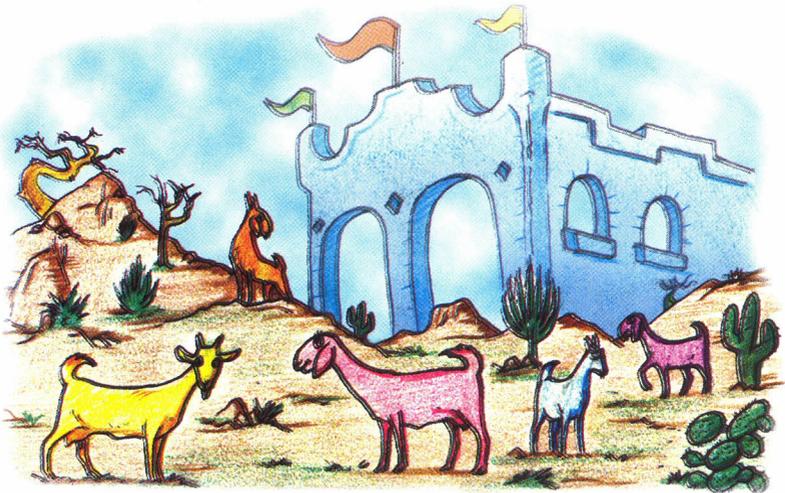
*De um lado, leilões sofisticadíssimos de embriões transplantados, enquanto na quase totalidade dos restaurantes típicos, o freguês sequer sabe de que morreu o animal. Aliás, não sabe nem mesmo se é caprino ou ovino.*

A política de "clusters" (1) que vem sendo desenvolvida em Pernambuco, ao contrário do que se observa em outros Estados, ainda não surtiu efeito prático para as cadeias produtivas da caprino e da ovicultura, as de maior potencial para incorporar à economia do Estado mais de 140 mil estabelecimentos agrícolas da zona semi-árida não irrigável. Essas atividades têm sido objeto principal ou marginal de conferências, encontros, estudos e documentos, em sua maioria genéricos e superficiais, protagonizados por "experts" em semi-árido, a maior parte deles desvinculada da atividade e, até mesmo, da região. Por não

priyilegiar a participação dos reais atores das cadeias de caprinos e ovinos no debate, as ações desenvolvidas para fortalecer esses "clusters" continuam a incorrer em er-

uma ação mais imediata, ou quando menos, simultânea.

Um exemplo é a questão da raça, colocada como o principal problema da nossa caprino-ovino-



ros estratégicos, tais como supervalorizar aspectos menos prioritários para o seu desenvolvimento e subvalorizar aqueles mercedores de

cultura. Essa questão, quando colocada nestes termos, beneficia um seleto segmento multiplicador do material genético, em detrimento de

questões mais importantes, pelo menos para o estágio atual dessas atividades, como a alimentação nos períodos secos, a qualidade sanitária dos produtos consumidos e a organização e capacitação gerencial do produtor. O caprinocultor ou ovinocultor comercial, aquele que cria para vender carne e peles, segmento correspondente a 98% da pirâmide produtiva, vê-se induzido a adquirir animais exóticos e caros, como solução definitiva para sua exploração. Gratuitamente, para ele, sobram “capacitações”. Na base da oferta, já que não partiram de uma demanda cientificamente identificada, sem maior controle de qualidade e, mais grave, sem avaliação de seu impacto, essas capacitações tendem a se transformar em um fim em si próprias. Quase nada foi feito em termos de estudos dessas cadeias produtivas.

Como se pode deli-

near um programa de apoio à essas atividades com base apenas em dados secundários, por sinal bastante escassos nos dessas duas explorações? É preciso ir ao campo em busca direta das informações. Antes de definir as ações, é necessário que se tenha uma visão quantificada, qualificada e espacializada dos rebanhos, do perfil do produtor, do processador e do distribuidor, além de uma boa noção dos fluxos e da dimensão dos negócios dos principais produtos de cada uma dessas atividades. Isto já foi feito no Rio Grande do Norte e começa a ser feito na Bahia. A posse dessas informações é que permite, dentre outras medidas, zonear as áreas capri e ovi-econômicas prioritárias, localizando adequadamente centros de apoio tecnológico (evitando que vivam mudando de lugar) e abatedouros regionais estratégicos. Critérios políticos não terão muita

margem diante de fundamentos técnico-científicos.

Como se pode rotular de agronegócio uma atividade em que o aspecto mais elementar, o da saudabilidade, tem sido tratado com negligência? O abate informal, além disso, desestimula e inviabiliza os investimentos em abatedouros formais.

Em contraposição a leilões sofisticadíssimos de embriões transplantados, na quase totalidade dos restaurantes típicos, onde as carnes caprina e ovina são degustadas, não se sabe de que morreu o animal. Aliás, não se sabe nem mesmo se é caprino ou ovino. No “bodódromo” de Petrolina, de bode só existe a estátua na entrada!

O estabelecimento de inspeção sanitária no abate, transporte e distribuição dos produtos possivelmente traria muito mais benefícios aos agronegócios da caprino e da ovinocultura do que essa

***Nos sertões brasileiros as pessoas continuam carentes... e, essa região, ninguém pensa em globalizar.***



avalanche desarticulada de seminários, capacitações e feiras a que estamos assistindo. Um mercado crescente e insatisfeito credencia a caprino e a ovinocultura como as melhores alternativas para viabilizar uma economia social e ambientalmente sustentável em, pelo menos metade dos 6,8 milhões de hectares do Sertão de Pernambuco. O Estado detém o terceiro rebanho caprino e o quarto rebanho ovino da região. As micro-regiões de Itaparica, Moxotó e Petrolina estão entre as seis maiores do Nordeste em densidade de caprinos. Após décadas de programas voltados para o fortalecimento do semi-árido não irrigável, continuamos quase na mesma.

A realidade da caprino e da ovinocultura do Estado está ainda distante daquela apresentada nos parques de exposições. Como política de Estado, essas explorações teriam que ser enfocadas e trabalhadas como instrumentos de resgate social para milhares de produtores que sobrevivem nas nossas caatingas.

As ações de apoio precisam privilegiar o estudo dessas cadeias, o zoneamento das áreas prioritárias, o fortalecimento das organizações de produtores, a busca de um crédito mais adequado, a estruturação de redes lo-



cais de assistência técnica (a oficial foi gradativamente aniquilada a partir da década de 70), a implantação de um programa de controle sanitário da unidade produtiva ao distribuidor e, principalmente, um programa de valorização dos produtos, abrangendo a melhoria, a certificação e a promoção de suas qualidades mercadológicas.

Sem atender essas prioridades, quaisquer esforços dispendidos em prol dessas cadeias resultarão, apenas, em mais tempo e recursos perdidos, em mais recursos naturais degradados e, sobretudo, em menos esperança para as popula-

***O que será que o brasileiro realmente está comendo, cabrito, carneiro ou o quê?***

ções rurais que teimam em viver no nosso sertão semi-árido.

**(1)** "Cluster" significa "ilha" ou "cacho". Muitos técnicos pregam a implantação de "ilhas de desenvolvimento" para a caprino-ovinoocultura, como está acontecendo no Rio Grande do Norte.

---

*Clovis Guimarães Filho –  
Diretor do CPATSA – Centro  
de Pesquisas Agropecuárias  
do Trópico Semi-Árido, em  
Petrolina (PE). Título original:  
"O cluster e o bode".*